

## Ler *O capital*:

a primeira frase ou o capital começa com a riqueza, não com a mercadoria  
John Holloway

**Como citar:** HOLLOWAY, J. Ler *O capital*: a primeira frase ou o capital começa com a riqueza, não com a mercadoria. In : ROIO, M. D. (org.). **Marx e a dialética da sociedade civil**. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014. p.235-258. DOI: <https://doi.org/10.36311/2014.978-85-7983-596-4.p235-258>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

# LER O CAPITAL: A PRIMEIRA FRASE OU O CAPITAL COMEÇA COM A RIQUEZA, NÃO COM A MERCADORIA<sup>1</sup>

*John Holloway*

*The wealth of those societies in which the capitalist mode of production prevails, presents itself as an “immense accumulation of commodities”, its unit being a single commodity. (Translation by Samuel Moore and Edward Aveling, supervised by Friedrich Engels (MARX 1867/1965, p. 35)*

*The wealth of societies in which the capitalist mode of production prevails appears as an “immense collection of commodities”; the individual commodity appears as its elementary form (Translation by Ben Fowkes (MARX 1867/1990, p. 125).*

*A riqueza das sociedades em que prevalece o modo de produção capitalista aparece como uma “imensa coleção de mercadorias” e a mercadoria individual com sua forma elementar*

*Der Reichtum der Gesellschaften, in welchen kapitalistische Produktionsweise herrscht, erscheint als eine “ungeheure Warensammlung”, die einzelne Ware als seine Elementarform<sup>2</sup> (MARX 1867/1985, p. 49).*

---

<sup>1</sup> Tradução de Sávio Cavalcante e Murilo van der Laan.

<sup>2</sup> Notar também a primeira frase de *Contribuição à Crítica da Economia Política*, publicada pela primeira vez em 1859, oito anos antes da primeira edição de *O Capital*: “A riqueza da sociedade burguesa, à primeira vista, apresenta-se como uma imensa coleção de mercadorias, sua unidade sendo a mercadoria individual.” (MARX, 1859/1971, p. 27). No original: *Auf den ersten Blick erscheint der bürgerliche Reichtum als eine ungeheure Warensammlung, die einzelne Ware als sein elementarisches Dasein*” (MARX, 1859/1961, p. 15).

## 1 INTRODUÇÃO

Dos muitos comentários sobre *O Capital*, poucos chegam sequer a mencionar a primeira frase do livro<sup>3</sup>. Comumente afirma-se que o ponto de partida da discussão de Marx é a mercadoria. A primeira frase é então vista mais como uma mera sentença de abertura do que como tendo relevância por si mesma: ela simplesmente nos leva à questão importante, que é a análise da mercadoria. Porém, se lermos a primeira frase, vemos que Marx não a inicia com a mercadoria; que antes de mencionar a mercadoria, ele abre um mundo inteiro de questões cuja importância política e teórica são fundamentais.

No que se segue, eu examinarei o sujeito, o objeto e o predicado da primeira frase no intuito de explorar esse mundo de questões. Meu objetivo não é descobrir o “verdadeiro Marx”, mas analisar o texto e indagar o que ele oferece às lutas contemporâneas contra o capitalismo.

## 2 O SUJEITO

O sujeito da primeira frase não é a mercadoria. É a “riqueza” [*wealth*] – “a riqueza das sociedades em que prevalece o modo de produção capitalista”. Essa riqueza aparece como “uma imensa coleção de mercadorias”, mas primeiro temos que nos focar no sujeito, a riqueza.

É fácil ignorar a importância da primeira frase precisamente em razão daquilo que ela mesma afirma. É o próprio fato de a riqueza aparecer como uma coleção de mercadorias, para nós que vivemos numa sociedade capitalista, que nos faz tomar como certa sua aparência. Nós nos acostumamos a ver a riqueza dessa maneira. Quando pensamos em riqueza, comumente pensamos em riqueza material, em coisas que uma pessoa tem, provavelmente no dinheiro, o equivalente geral de mercadorias. Se nos referirmos a alguém como sendo rico, geralmente nós queremos dizer que ele ou ela possui muito dinheiro e pode, assim, dispor de uma imensa quantidade de mercadorias. Em outras palavras, a forma pela qual a riqueza aparece leva-nos a estabelecer uma identidade entre riqueza e

<sup>3</sup> Para uma discussão de alguns dos comentários que fazem menção a ela, ver abaixo.

uma imensa coleção de mercadorias, a tratá-las como sendo idênticas. E se assim o fosse, então seria de fato correto tratar a primeira frase como uma mera sentença de abertura, como uma frase que tem importância apenas por nos levar à questão central, a mercadoria.

Entretanto, a riqueza [*wealth*] não tem que ser pensada dessa maneira. Para os que falam inglês, isso é talvez mais fácil de ver se voltarmos ao termo alemão original usado por Marx – *Reichtum* – que poderia facilmente ser traduzido como *richness*: na sociedade capitalista, a riqueza [*richness*] aparece como uma imensa coleção de mercadorias. Certamente não há diferença acentuada, em inglês, entre os conceitos de *richness* e *wealth*, mas *richness* nos soa como tendo um sentido mais amplo: uma rica tapeçaria, uma conversa enriquecedora, uma vida ou experiência ricas, uma rica diversidade de cores<sup>4</sup>.

A primeira frase, ao falar da “riqueza [*wealth*] das sociedades em que prevalece o modo de produção capitalista”, nos incita a perguntar: como se pareceria à riqueza [*richness or wealth*] em uma sociedade na qual o modo de produção capitalista não prevalece? Nos *Grundrisse*, escritos não muito antes, Marx dá uma resposta direta a nossa questão:

De fato, porém, se despojada da estreita forma burguesa, o que é a riqueza senão a universalidade das necessidades, capacidades, fruições, forças produtivas etc. dos indivíduos, gerada pela troca universal? [O que é senão] o pleno desenvolvimento do domínio humano sobre as forças naturais, sobre as forças da assim chamada natureza, bem como sobre as forças de sua própria natureza? [O que é senão] a elaboração absoluta de seus talentos criativos, sem qualquer outro pressuposto além do desenvolvimento histórico precedente, que faz dessa totalidade do movimento um fim em si mesmo, *i.e.*, do desenvolvimento de todas as forças humanas enquanto tais, sem que sejam medidas por um padrão *predeterminado*? [O que é senão um desenvolvimento] em que o ser humano não se reproduz em uma determinabilidade, mas produz sua totalidade? Em que não procura permanecer como alguma coisa que devesse, mas é no momento absoluto do devir? Na economia burguesa – e na época de produção que lhe corresponde –, essa exteriorização total do conteúdo humano aparece como completo esvaziamento; essa objetivação universal, como estranhamento total, e a desintegração

<sup>4</sup> [N. T. todas as expressões, do fim desse parágrafo, são construídas com derivações de *rich* e não *wealth*].

de todas as finalidades unilaterais determinadas, como fim sacrifício do fim em si mesmo a um fim totalmente exterior. (MARX, 2012).<sup>5</sup>

Uma vez que lemos essa consideração de Marx sobre a riqueza nos *Grundrisse*<sup>6</sup>, a primeira frase de *O Capital* assume cores muito mais vivas. A riqueza é a “universalidade das necessidades, capacidades, fruições, forças produtivas, etc. dos indivíduos, gerada pela troca universal<sup>7</sup>”. Ela é coletiva, é social, produto da interação humana – a riqueza [*richness*] do que é regularmente referido como “o comum”<sup>8</sup>. Ela está em movimento: “a elaboração absoluta de seus talentos criativos”, “o movimento absoluto do devir”. Ela é diversa: “o desenvolvimento de todos os poderes humanos como um fim em si mesmo”. Riqueza [*richness*], a riqueza de uma rua cheia de diferentes tradições e modos de vida, a riqueza da mudança de estações do ano no campo, a riqueza de uma voz entoada em uma música, seja humana ou de um pássaro. A riqueza potencialmente ilimitada das riquezas: é o que aparece em nossa sociedade como uma imensa coleção de mercado-

<sup>5</sup> [N. T: para evitar, nesse caso, a tradução indireta, reproduzimos a passagem da edição brasileira (*Grundrisse*, São Paulo, Boitempo, 2012)]. No original em alemão: “In fact aber, wenn die bornierte bürgerliche Form abgestreift wird, was ist der Reichtum anders, als die im universellen Austausch erzeugte Universalität der Bedürfnisse, Fähigkeiten, Genüsse, Produktivkräfte etc. der Individuen? Die volle Entwicklung der menschlichen Herrschaft über die Naturkräfte, die der sog. Natur sowohl wie seiner eignen Natur? Das absolute Herausarbeiten seiner schöpferischen Anlagen, ohne andre Voraussetzung als die vorhergegangene historische Entwicklung, die diese Totalität der Entwicklung, d.h. der Entwicklung aller menschlichen Kräfte als solcher, nicht gemessen an einem vorhergegebenen Maßstab, zum Selbstzweck macht? Wo er sich nicht reproduziert in einer Bestimmtheit, sondern seine Totalität produziert? Nicht irgend etwas Gewordnes zu bleiben sucht, sondern in der absoluten Bewegung des Werdens ist? In der bürgerlichen Ökonomie – und der Produktionsepoche, der sie entspricht – erscheint diese völlige Herausarbeitung des menschlichen Innern als völlige Entleerung; diese universelle Vergegenständlichung als totale Entfremdung und die Niederreißung aller bestimmten einseitigen Zwecke als Aufopferung des Selbstzwecks unter einen ganz äußeren Zweck.” MARX, 1857/1953, p.387/8).

<sup>6</sup> Meu entendimento dos *Grundrisse* é o de que, como rascunho de Marx, ele ajuda a jogar luz sobre a interpretação de *O Capital*. Sua publicação desempenhou um papel importante para pôr em questão a leitura tradicional de *O Capital*, mas eu certamente não vejo um contraste entre um *Grundrisse* mais revolucionário e um *Capital* menos revolucionário.

<sup>7</sup> “Intercâmbio” [*interchange*] poderia ter sido uma melhor tradução do original “*Austausch*”. É claro que Marx não está pensando aqui de troca de mercadorias [*commodity exchange*]. Richard Gunn, em um comentário muito útil a uma versão anterior deste artigo, aponta que o original alemão dá um lugar mais central para a “troca universal” [*universal exchange*] (uma tradução literal seria: “o que seria a riqueza senão a universalidade criada-através-da-troca-universal das necessidades humanas, capacidades, fruições, forças produtivas, etc.”) e sugere que a “troca universal” deve ser entendida como reconhecimento mútuo e que, por conseguinte, “a riqueza É o reconhecimento mútuo.”

<sup>8</sup> Na verdade, é uma riqueza comum. Isso coincide com o título do terceiro livro d a trilogia de Hardt e Negri (2009), mas o desenvolvimento que dão à ideia os leva a uma direção diferente: eles não focalizam a oposição posta na primeira frase de *O Capital*, aquela entre a riqueza comum e a forma-mercadoria.

rias<sup>9</sup>. A primeira frase não é uma mera sentença de abertura inócua. Marx está abrindo um mundo de tensões. Ele provoca nossa indignação, nosso senso de dignidade danificado.

Essa tensão manifesta-se não apenas na relação entre sujeito e predicado (riqueza e mercadorias), mas já no interior do sujeito da primeira frase, “a riqueza das sociedades em que prevalece o modo de produção capitalista”. Nós começamos a partir de onde estamos: a sociedade capitalista, uma sociedade em que prevalece o (ou em que domina<sup>10</sup>) modo de produção capitalista. Essa é a sociedade em que vivemos, a sociedade com a qual temos que lidar. O sujeito da frase é um sujeito historicamente particular, mas ele é um sujeito que se estende para além de sua própria especificidade histórica. A qualificação do sujeito (“das sociedades em que prevalece o modo de produção capitalista”) é uma limitação que sugere sua própria superação: a limitação da riqueza postula uma riqueza que não é tão limitada. Ao limitar o sujeito dessa forma, já estamos sugerindo que há algo além dos limites, uma riqueza que, ao menos potencialmente, não é a riqueza das sociedades em que prevalece o modo de produção capitalista. A riqueza não se ajusta: ela não se encerra no interior da limitação “das sociedades em que prevalece o modo de produção capitalista”, ela a transborda.

Como entender esse transbordamento, essa superação dos limites colocados à riqueza? Ao colocar a riqueza como o sujeito e não como objeto da frase, Marx está sugerindo que a riqueza em si mesma é a fonte do movimento para além de seus próprios limites. Ele anuncia que a história que ele está prestes a contar é a história da riqueza humana [*human richness*] (a humanidade no movimento absoluto de seu devir) se dirigindo contra e para além dos laços que a mantém prisioneira. Já nessas primeiras palavras, Marx deixa claro que esse livro não é uma teoria da dominação, mas uma teoria do que se move contra a dominação e, na verdade, contra todos os limites.

<sup>9</sup> Na mesma linha, ver Vaneigem (2012, p. 14): “O melhor remédio contra essa falta de vida que é o mal da sobrevivência, é descobrir a sua própria riqueza, aquela da alegria, da criação, do amor, do desejo intoxicado por romper a opressão da mercadoria” (tradução do autor).

<sup>10</sup> O original “*herrscht*” pode ser traduzido como “domina” em vez de “prevalece”. O termo “prevalece” abre a possibilidade de uma coexistência pacífica com outras formas de produção, ao passo que o termo “*herrscht*” sugere que qualquer outra forma de produção só pode existir em antagonismo com o modo capitalista. Esta última opção parece-me mais exata.

A riqueza, sujeito da primeira frase, não é uma categoria a-histórica ou trans-histórica, mas é uma categoria que se estende para além de sua própria especificidade histórica. Ela não se põe fora do predicado, não é externa à coleção de mercadorias, mas ela realmente se coloca dentro-contrá-e-paralém dele. Não é apenas uma alteridade que é anunciada nas palavras de abertura<sup>11</sup>, mas um antagonismo, um antagonismo que se desloca para além de si mesmo. A riqueza à qual somos introduzidos nessas palavras de abertura não é a riqueza de um humanismo a-histórico, mas a riqueza que se coloca em uma revolta historicamente específica contra suas próprias limitações.

A riqueza [*wealth*], riqueza [*richness*] da criatividade humana, coloca-se, então, como sujeito, como um sujeito insatisfeito, inquieto, como sujeito orgulhoso, primeiras palavras desse primeiro capítulo. A riqueza atreve-se, a riqueza ruge. Com indignação, certamente; com poder, talvez. Isso inverte muito do pensamento de esquerda que toma a pobreza, e não a riqueza, como ponto de partida. A primeira frase de *O Capital* nos faz pensar de modo contrário: não é porque somos pobres que lutamos, mas porque somos ricos. Não é porque somos pobres que lutamos contra o capitalismo, mas porque “a elaboração absoluta de [nossas] potencialidades criativas” é frustrada, porque “o movimento absoluto de [nosso] devir” está atado. É a nossa riqueza [*richness*] que levanta a cabeça e ruge que irá romper suas amarras.

### 3 O PREDICADO

A riqueza [*wealth, richness*] aparece nas sociedades capitalistas como “uma imensa coleção de mercadorias”. A mercadoria, Marx nos conta no início do segundo parágrafo, “é, em primeiro lugar, um objeto externo, uma coisa que, por meio de suas propriedades, satisfaz necessidades humanas de qualquer espécie”<sup>12</sup>. A mercadoria é um objeto externo a nós, uma coisa produzida para a venda.

<sup>11</sup> Massimo De Angelis (2007) fala da importância de outros valores em contraste com o valor das mercadorias, mas ele atribui a esses valores uma externalidade vis-à-vis o valor capitalista. O meu entendimento é antes o de que a relação é inerentemente antagonista. A mercadoria não se limita a coexistir com outras formas de riqueza: ao contrário, é uma agressão constante, uma movimentação constante para absorver todas as outras formas de riqueza.

<sup>12</sup> A tradução de Fowkes (1867/1990, p. 125) é ligeiramente menos marcante: “A mercadoria é, antes de tudo, um objeto externo, uma coisa que, em razão de suas qualidades, satisfaz necessidades humanas de qualquer

Marx está nos levando aos estreitos limites de um calabouço. Há uma transição dramática na primeira frase de um mundo de riqueza [*richness*] (humanidade “em seu movimento absoluto de devir”) para um mundo composto por uma imensa coleção de objetos externos a nós. Marx está nos pegando pela mão e nos conduzindo ao terrível mundo da economia política. Dramaticamente, somos lembrados do subtítulo do livro: Uma Crítica da Economia Política. É a tensão entre o sujeito e o predicado da primeira frase que está na base da crítica. Uma vez que atravessemos essa lúgubre passagem da riqueza para as mercadorias, então Marx pode dizer, como o faz na segunda frase, “nossa investigação começa, portanto, com a análise da mercadoria (MARX, 1867\1990, p. 125)<sup>13</sup>”. Mas isso não torna a mercadoria o ponto de partida da análise de Marx. É a riqueza [*wealth*] – aquela riqueza [*richness*] que se coloca dentro-contra-e-para-além do mundo das mercadorias – que é o ponto de partida. Apenas depois de termos descido ao mundo estreito e escuro da economia política, que a mercadoria se torna o ponto de partida. Se esquecermo-nos do mundo exterior, o mundo da riqueza [*richness*], então nos esquecemos de nós mesmos, nossa crítica, nossa oposição, o verdadeiro ponto de partida.

A passagem na primeira frase é um estreitamento, uma redução da riqueza do mundo ao mundo da economia política, das mercadorias. Marx é frequentemente acusado de ser culpado por esse estreitamento, por ter uma visão puramente econômica do mundo, por ter desconsiderado a riqueza da vida e a multiplicidade das formas de opressão. Está claro desde a primeira frase que nada poderia estar mais longe da verdade. Sua crítica da economia política não é apenas uma crítica das diferentes teorias dos economistas, é uma crítica da economia enquanto tal, uma crítica do mundo que reduz a riqueza humana à economia. Esse é precisamente o ponto destacado ao fim da passagem dos *Grundrisse* anteriormente citada: “Na economia burguesa – e na época de produção que lhe corresponde –, essa exteriorização total do conteúdo humano aparece como completo esvaziamento; essa objetivação universal, como estranhamento total, e a

---

tipo” [*“The commodity is, first of all, an external object, a thing which through its qualities, satisfies human needs of whatever kind”*]. No original alemão: “Die Ware ist zunächst ein äusserer Gegenstand, ein Ding, das durch seine Eigenschaften menschliche Bedürfnisse irgendeiner Art befriedigt.” (MARX, 1867/1985, p. 49).

<sup>13</sup> Na tradução de Moore e Aveling: “Nossa investigação deve, portanto, começar pela análise de uma mercadoria” (MARX, 1867/1965, p. 35). “*Unsere Untersuchung beginnt daher mit der Ware*” (MARX, 1867/1985, p. 49).

desintegração de todas as finalidades unilaterais determinadas, como fim sacrifício do fim em si mesmo a um fim totalmente exterior”. Não é Marx, mas a redução do mundo de todas as coisas à economia que exclui aquilo que não se encaixa à lógica da mercadoria.

O movimento que vai da riqueza às mercadorias é um movimento para um mundo limitado por leis, um mundo de cerrada coesão social, um mundo que pode ser entendido como uma totalidade, um mundo de síntese. Não há nenhuma razão intrínseca para que a produção de riqueza deva seguir qualquer conjunto de leis. A elaboração absoluta de nossas potencialidades criativas pode ser perseguida em direções muito diferentes, por diferentes motivos, a ritmos diferentes. Isso não se aplica às mercadorias: elas são produzidas para a troca e a necessidade de trocá-las impõe a necessidade de produzi-las com trabalho que é socialmente necessário, e isso cria um mundo inteiro de necessidades funcionais, de determinações sociais que operam como leis independentes de qualquer controle consciente. Marx examina essas leis em *O Capital*, mas a partir de um ponto de vista privilegiado que está contra e para além dessa totalidade limitada por leis.

O movimento que vai da riqueza para as mercadorias é também um movimento para um mundo quantificável e quantificado. O pequeno adendo ao predicado – “sua unidade sendo a mercadoria individual” (ou na tradução de Fowkes: “a mercadoria individual aparece como sua forma elementar”) – adquire seu significado. Se a riqueza é pensada como “a elaboração absoluta das potencialidades criativas [humanas]”, então não faz sentido algum pensá-la como sendo subdividida em unidades ou peças individuais de riqueza. Apenas quando essa riqueza é reduzida a uma coleção de objetos externos a nós é que se torna possível falar de uma subdivisão em unidades: na verdade, não apenas é possível, mas a subdivisão dessa riqueza em unidades intercambiáveis ou mercadorias individuais é parte essencial da passagem do sujeito da frase ao seu predicado<sup>14</sup>.

---

<sup>14</sup> Agradeço a Richard Gunn por destacar esse ponto para mim.

#### 4 O VERBO

A riqueza *aparece como*<sup>15</sup> uma imensa coleção de mercadorias. O que significa “aparece como”?

1. A aparência não é uma falsa aparência: Marx não diz “a riqueza parece ser uma imensa coleção de mercadorias, mas isso é um erro, na realidade ela é outra coisa”<sup>16</sup>. Tal interpretação separaria a aparência de seu substrato, isto é, daquilo que assim aparece e trataria a relação entre a última e a primeira como uma questão de acaso, enquanto para Marx a relação entre a aparência e o substrato é de importância central. A aparência é uma aparência real, uma aparência que tem uma validade geral, tem certa estabilidade. Não é uma aparência que desaparecerá uma vez que apontamos que ela é um equívoco. É uma aparência que é gerada por aquelas “sociedades em que prevalece o modo de produção capitalista”.

Podemos indicar a estabilidade ou a realidade dessa aparência ao dizer que a riqueza na sociedade capitalista existe *na forma de* uma imensa coleção de mercadorias. “Forma”, nesse contexto, pode ser entendida como um “modo de existência”<sup>17</sup>: o modo de existência da riqueza em sociedades capitalistas é uma imensa coleção de mercadorias.

2. A aparência, portanto, tem uma validade geral. Marx não está dizendo que “a riqueza dessas sociedades aparecem para Adam Smith ou David Ricardo como uma imensa coleção de mercadorias”. Ele também não está dizendo que “a riqueza aparece à burguesia como um monte de mercadorias, mas o proletariado sabe que não é assim”<sup>18</sup> ou que “a riqueza é apresentada pela ideologia burguesa como uma imensa coleção de mercadorias”. Pelo contrário, a riqueza nessas sociedades aparece como ou existe sob a forma de mercadorias. Ela aparece como tal aos membros dessa sociedade e aparece enquanto tal porque assim ela é, a aparência é real, a riqueza realmente existe na forma de uma imensa coleção de mercadorias. Esse é, de fato, o modo pelo qual a riqueza é tratada pelas pessoas, essa é a força que molda como e qual riqueza é produzida. Já sugerimos que a

<sup>15</sup> No original, “*erscheint als*”; “se apresenta como”, na tradução de Moore e Aveling.

<sup>16</sup> Para uma discussão sobre a distinção entre “*erscheint*” e “*scheint*” nesse contexto, ver Heinrich (2008, p. 51).

<sup>17</sup> Para o entendimento de forma como um modo de existência, ver Gunn (1992, p. 14).

<sup>18</sup> Esse é o tema central do ainda belo, mas problemático livro de Lukács (1923/1988) *História e Consciência de Classe*.

força dessa aparência real é a chave para entender a pouca importância geralmente atribuída à primeira frase.

3. Isso nos coloca um problema que é central para ler *O Capital*. Se a riqueza aparece como tal, *o que torna possível a Marx escrever essa frase?* A frase não poderia ter sido escrita se Marx não tivesse sido capaz de transcender a aparência de alguma maneira. Como podemos explicar isso?

A explicação mais óbvia é uma explicação em termos pessoais. Marx era um homem muito inteligente, nós que agora compartilhamos de sua visão também somos muito inteligentes e é isso que nos permite quebrar as aparências. Há dois problemas nessa explicação. O primeiro é que ele vai contra o próprio método de Marx. Para ele, a aparência é a aparência real, aquela que tem um substrato real, que tem suas bases na atual organização da atividade humana. Os limites dos pensamentos de Smith e Ricardo, por exemplo, não são o resultado de erros ou falta de inteligência, mas o fato de que suas cabeças e seus pés estavam situados nas relações sociais do capitalismo. Não se trata apenas de eles terem optado por tomar o lado da burguesia, mas de que suas ideias foram possíveis e também limitadas por relações sociais das quais eles eram parte. O segundo problema com esse tipo de explicação é o de que ela conduz a uma separação pessoal entre aqueles que entendem que a riqueza é mais do que mercadorias e as massas que estão aprisionadas no mundo das aparências. Nesse caso, é de responsabilidade de alguns poucos iluminados esclarecer as (ou trazer consciência para) massas. As experiências do último século indicam que tal concepção pode ter consequências desastrosas.

Para que Marx pudesse escrever a frase, e para nós a compartilharmos, deve haver mais do que inteligência, mais do que uma explicação em termos pessoais. Para que Marx pudesse transcender a aparência e tomar posição para além dela (como ele faz na primeira frase), deve haver uma não aparência, um transbordamento, um desajuste, um resíduo que não está contido dentro da aparência. Para que Marx pudesse ir além da aparência em pensamento, deve haver uma ruptura da aparência na prática. É a real não aparência que nos dá o ponto de vista privilegiado a partir do qual podemos dizer que “a riqueza aparece como mercadorias”. Quando fazemos essa afirmação, estamos inevitavelmente dizendo ao mesmo tempo: “mas essa afirmação não é toda a verdade porque a única coisa que nos

permite fazer a afirmação é o fato de que também é verdade que a riqueza não aparece como mercadorias, que a riqueza existe dentro-contrá-e-para-além das mercadorias”. A frase necessariamente carrega uma corrente subterrânea não declarada, uma não aparência. A aparência tira de vista aquilo que não aparece, um substrato invisível ou latente, e é a existência real desse substrato, esse “que não aparece”, que nos permite entender nos apropriar daquela primeira frase. Poderíamos dizer que metade da primeira frase é escrita com tinta invisível.

Aí é onde nós, leitores de *O Capital*, vivemos e queremos viver: em um mundo que não caia na aparência de riqueza como mercadorias. Se nós pensarmos no movimento que vai da riqueza às mercadorias como a transição a um calabouço de coisas, então nós, leitores de *O capital*, estamos do lado da riqueza, fincando os pés no chão e gritando que não queremos ser arrastados ao calabouço, que não queremos cair no mundo enfeitado das aparências que ameaça nos engolir completamente. É óbvio: por que mais leríamos *O capital*?

Uma vez que fazemos a pergunta sobre como é possível fazer essa afirmação (e é difícil ver como ela poderia ser evitada), então o conjunto de *O capital* se altera. De uma narrativa sobre como as coisas se encaixam, ele se torna em uma narrativa de desajuste. E, então, nós percebemos que nosso prazer ao lê-lo vem do fato de que nós também estamos desajustados: vivemos dentro-contrá-e-para-além desse sistema que estamos tentando entender.

4. A redação da primeira frase é possível apenas porque a relação entre riqueza e mercadorias não é uma relação de identidade. A riqueza não se ajusta à mercadoria que algo sobre: é esse resíduo que faz a redação (e a leitura) da frase possível.

O verbo “aparece como” não indica uma identidade. Marx não está usando o termo “aparece como” livremente (como nós costumamos fazer) para querer dizer que “a riqueza das sociedades em que prevalece o modo de produção capitalista é uma imensa coleção de mercadorias”. No entanto, o verbo de fato expressa um processo de identificação. Nessa sociedade, a riqueza vem a ser identificada como uma coleção de mercadorias. Há um processo de identificação, mas o processo não está com-

pleto, pois ele é confrontado por um movimento na posição oposta, uma resistência. Em outras palavras, a relação entre aparência e não aparência é de antagonismo. Há um vivo antagonismo entre o arrastar da riqueza para forma mercadoria e entre as forças que empurram contra e para além do processo de mercadorização [*commodification*]. Por um lado, o movimento de “aparecer como”, de moldar-se, de identificação; por outro lado, o movimento de anti-identificação, de transbordamento, de desajuste. A aparência, a mercadoria, apresenta-se a si mesma como não-antagônica, mas isso oculta o antagonismo lhe é subjacente. A riqueza dessas sociedades aparece como uma imensa coleção de mercadorias: essa aparência é um aparecer ativo, um moldar-se ou um identificar ativos que ocultam aquela força antagonista que torna essa frase possível, a força que se origina do fato de que também é verdade que a riqueza não aparece como uma coleção de mercadorias, que ela transborda a aparência.

Aquilo que aparece como *fait accompli* (a existência de riqueza na forma-mercadoria) é um antagonismo vivo. Se pensarmos na transição do sujeito ao predicado da frase como o arrastar da riqueza para o calabouço da mercadoria, então o transbordamento nos diz que a porta do calabouço não se fechou, que o arrastar ainda continua.

A forma mercadoria, longe de ser um fato consumado, é um ataque constante ao seu substrato (a riqueza), uma luta constante para forçá-lo e para contê-lo dentro do interior da forma mercadoria e este ataque é confrontado por um impulso constante na direção contrária, porque a criação de riqueza humana resiste a essa limitação e impulsiona em direção a novas formas de socialização<sup>19</sup>. Para que a frase tenha sentido, temos que entender tanto “riqueza” quanto “mercadoria” como verbos em vez de substantivos. A mercadoria é, na realidade, um movimento de mercadorização e a riqueza é um movimento de criação de riqueza ou de enriquecimento, um movimento contra e para além da forma mercadoria, uma comunização [*communising*]. Mais precisamente, a transição do início ao fim da primeira frase é uma transição que parte de um enriquecimento ativo (“a elaboração... potencialidades criativas”) para um substantivo que oculta não apenas o enriquecimento que ele confina, mas também sua própria

<sup>19</sup> A propriedade intelectual é um campo de batalha particularmente óbvio no momento. de forma mais geral, a mercadorização da riqueza (ou cercamento do comum, a que se tem frequentemente feito referência) é uma batalha terrivelmente sangrenta no centro da experiência humana de hoje.

dinâmica enquanto um movimento de mercadorização. A aparência a que se refere em “aparece como” está constantemente em questão.

“Aparece como” abre, portanto, um espaço de esperança. Vivemos num mundo em que nós somos confrontados com a riqueza como mercadorias, ou como dinheiro, o equivalente geral das mercadorias. A primeira frase de *O Capital*, ao nos dizer que isso é uma aparência, nos diz que isso é verdade, mas que também é falso, que há mais riqueza do que isso, que existe uma riqueza que se arrasta para além dessa forma. Se a existência da riqueza como mercadorias indica um mundo de determinação estranhada, um mundo no qual é o valor das mercadorias que determina o modo pelo qual a riqueza das capacidades humanas é desenvolvida, então o simples “aparece como” chama nossa atenção à realidade presente de um impulso em direção à autodeterminação<sup>20</sup> (a precondição para a redação da primeira frase).

A crise é posta como uma questão nessas palavras de abertura. O “aparece como” nos diz que a horrível existência da riqueza na forma de mercadorias não é (ou necessariamente não é) permanente. Há uma não aparência, uma instabilidade, na forma de existência da riqueza. O dobre fúnebre dos sinos do capitalismo, que é apenas mencionado explicitamente umas 700 páginas adiante<sup>21</sup>, já pode ser ouvido nessa primeira frase. Do ponto de vista do capital, “aparece como” é uma frase ameaçadora. “O que é esse ‘aparece como’?”, choram os capitalistas, “a riqueza é dinheiro e mercadorias e isso é tudo o que existe para ela”. Há uma ameaça nesse “aparecer como”, algo além da compreensão deles, para além do controle deles.

Aquilo que está além de do controle deles é aquilo que está latente, a riqueza que não “aparece como”, que não se enquadra ou não é completamente limitada ao interior da forma-mercadoria. Essa é a ameaça. É claro que não há uma teoria plenamente desenvolvida da crise nessa primeira frase, mas ela de fato nos indica certa direção. Ela nos coloca em direção a uma tendência de crise que se origina *daquilo que não aparece*, que nos dá um ponto de vista a partir do qual nós podemos pronunciar as palavras “aparece como”. A riqueza [*wealth*], a riqueza [*richness*] da criatividade humana, é a crise de seu próprio confinamento – aquela riqueza que ultrapassa seu confinamento, se recusa a ser limitada, se move para além,

<sup>20</sup> Agradeço a meu amigo Sergio Tischler por essa formulação.

<sup>21</sup> Ver Marx (1965/1987, p. 763, 1967/1985, p. 929): “O dobre fúnebre da propriedade privada capitalista soa”.

para outra maneira de cooperação social, em direção à livre associação dos criadores<sup>22</sup>.

A crise que o “aparece como” anuncia é uma crise de transformação da riqueza em mercadorias. A riqueza agora aparece como uma imensa coleção de mercadorias, mas não será sempre assim. Não será sempre assim, porque a afirmação já carrega a sua própria falsidade. Já é verdade que no movimento de mercadorização/totalização/síntese/cercamento da riqueza há um movimento na direção oposta, uma destotalização [*detotalising*<sup>23</sup>], desíntese [*desynthesising*], desmercadorização [*decommodifying*], enriquecimento [*enriching*], uma comunização [*communising*] que constitui a crise da forma-mercadoria. É esse último movimento que faz a sua aparição mais tarde em *O capital* como as “forças sociais de produção”.

5. “Aparece como” nos coloca no meio disso tudo, no meio do campo de batalha. Não há lugar para se esconder.

Nós lemos a primeira frase três vezes. A primeira vez que a lemos, é provável (como vimos) que apenas passemos sobre ela, que a tratemos como uma frase de pouca importância. Lemos que “a riqueza dessas sociedades aparece como uma imensa coleção de mercadorias”; pensamos com nós mesmos: “bem, é claro que sim” e seguimos em frente para ver as mercadorias. Em outras palavras, nós caímos nas aparências que pensamos estar criticando. Pior do que isso, por não atribuir importância à primeira frase, na verdade estamos participando da constituição da aparência de riqueza como mercadoria.

Quando lemos a frase pela segunda vez, nós gritamos de indignação. Nós entendemos o horror do que Marx está dizendo: que a riqueza ilimitada do devir humano é compelida à forma de uma imensa coleção de mercadorias.

Marx nos trouxe precisamente a noção de ciência enquanto crítica. Antes de dizer qualquer coisa sobre a mercadoria, ele a constituiu como objeto de crítica. Ao nos contar que a riqueza aparece com mercadorias, ele nos incita a criticar aquela aparência, a tentar entender de onde ela vem,

<sup>22</sup> Isso é o que Marx também chama de “forças produtivas”, um termo que foi convertido, pela posterior tradição do marxismo, em uma expressão de insensibilidade, mas que pode ser mais bem entendida como a unidade da humanidade “no absoluto movimento do devir”.

<sup>23</sup> Sobre *detonalisation*, ver Tischler (2014).

qual é sua relação com as forças que a geram. Marx de fato nos diz: “A riqueza dessas sociedades aparece como uma imensa coleção de mercadorias; portanto nossa investigação deve começar com a crítica dessa aparência, isto é, com a crítica da mercadoria”. Simultaneamente, ele define a riqueza como o ponto de vista da crítica: aquela riqueza que aparece e que não aparece como uma coleção de mercadorias, aquela riqueza que se estende além de suas formas atuais de existência. A crítica é, então, a autodescoberta daquilo que está oculto pela aparência.

Quando lemos a frase por uma terceira vez, novamente gritamos: não apenas com indignação contra o mundo, mas pelo horror dirigido contra nós mesmos. Como pudemos ler a frase pela primeira vez sem gritar? Como pudemos dar como certo o horror da transformação de riquezas humanas em uma imensa coleção de mercadorias? Como pudemos ser tão insensíveis ao sofrimento a que essa frase diz respeito? Não podemos deixar de nos perguntar se foi esta mesma insensibilidade que fez possível existir Auschwitz<sup>24</sup>, que permite com que Guantánamo continue a existir, e toda a fome e toda a destruição do mundo. E nós sabemos que a resposta é sim.

A crítica torna-se autocrítica. Mas isso não é apenas uma autocrítica pessoal, pois sabemos que essa leitura-sem-gritos tem sido o entendimento comum sobre a primeira frase de *O capital*. A expressão “aparece como”, precisamente porque não se refere a uma falsa aparência, mas a uma aparência real, é um desafio não apenas para a sociedade capitalista, mas a nós mesmos, pessoalmente. Uma vez que a aparência tem uma validade geral nessa sociedade, nós também vivemos dentro dela, por mais inteligentes ou revolucionários que gostemos de considerar a nós mesmos. É a nossa vida dentro da aparência que se expressa na nossa primeira leitura da frase.

A crítica, então, se volta não apenas contra a existência da riqueza na forma-mercadoria, mas também contra nossa própria maneira de pensar (e, na verdade, nosso próprio modo de existência). Dizer que o ponto de vista de nossa crítica é a riqueza que se move para além da forma-mercadoria não nos liberta das aparências geradas por essa forma. Para pensar cientificamente, devemos nos voltar contra a nós mesmos. Quando dizemos “a riqueza nessas sociedades aparece como mercadorias”, nós reconhecemos que

<sup>24</sup> Isso é uma simples repetição da posição de Adorno (1990, p. 362): “Auschwitz confirmou o filosofema da pura identidade como morte”.

vivemos dentro dessas aparências e, ao mesmo tempo, nos colocamos contra e para além das aparências, como críticos das aparências. Nós reconhecemos que nossa presença nessa sociedade nos constitui como auto antagonistas, como esquizofrênicos, no sentido popular de autodivididos. Qualquer noção de pureza revolucionária ou de correção teórica é, por essa razão, absurda.

Mas não se trata apenas de nós. Você também, Sr. Marx. Tem que ser assim. Marx também viveu nesse mundo de aparências no qual a existência da riqueza humana como uma coleção de mercadorias é simplesmente dada como certa. Ao mesmo tempo, enquanto ele assinala o horror do que está acontecendo, há momentos nos quais ele parece tomar isso como certo, momentos nos quais ele parece focar o mundo das formas (mercadoria-dinheiro-capital) esquecendo a posição-contra-e-para-além a qual, desde as primeiras palavras no livro, concede à sua análise sua vertente crítica. É impossível ler *O Capital* sem ser confrontado pela pergunta “qual Marx, qual leitura?”

As palavras de abertura (o “aparece como”) anuncia uma tensão que inevitavelmente atravessa tanto Marx quanto a todos nós. É claro que há dois de Marx, assim como há dois de nós todos, mas a tensão não é uma ruptura entre o jovem e o velho Marx (como Althusser alegou), mas é uma tensão que se origina do antagonismo entre a aparência e o seu substrato. Se Marx tivesse desenvolvido em detalhes sua primeira frase, ele poderia ter escrito: “a riqueza das sociedades nas quais prevalece o modo de produção capitalista aparece como uma ‘imensa coleção de mercadorias’ e uma vez que essa aparência não é um simples equívoco, mas é gerada pela natureza dessas sociedades, isso implica que, enquanto o capitalismo continuar existindo, é impossível escapar completamente dessas aparências.

Por conseguinte, quando criticamos essas aparências, o que fazemos ao simplesmente assinalá-las como aparências, estamos também assinalando uma tensão dentro de nós mesmos entre nossa existência no interior dessas aparências e nossa crítica das aparências enquanto aparências. Não espere encontrar, portanto, um Marx verdadeiro ou uma leitura correta quando você lê esse livro: em vez disso, tome o texto como um estímulo que pode se tornar parte de sua própria existência contraditória”. Ele poderia ter escrito isso, mas não o fez.

## 5 RESSONÂNCIAS

O argumento aqui é simples: *O capital* de Marx começa com a riqueza, não com mercadoria, e as implicações teóricas e políticas dessa distinção são enormes.

1. O argumento vai contra a corrente principal de comentários sobre *O Capital*. Relativamente poucos comentários fazem qualquer menção à primeira frase e, daqueles que o fazem, nenhum alcança as conclusões aqui propostas. Não é minha intenção criticar outros comentadores, mas uma breve observação de três dos mais influentes e distintos comentários ajudará a destacar as características específicas do argumento aqui apresentado.

*Companion to Marx's Capital* de David Harvey de fato cita a primeira frase na primeira página do primeiro capítulo e chama a atenção para a importância do termo “aparece como”, que “assinala que algo está acontecendo abaixo da superfície aparente”. Ele interpreta a primeira sentença considerando que “Marx está interessado exclusivamente no modo de produção capitalista” (HARVEY, 2010, p.15), o que é bem diferente da interpretação sugerida aqui, a saber, que o significado da primeira sentença deriva do fato de Marx não limitar seu olhar ao capitalismo, mas se movendo para além dele. Coerentemente, Harvey não concede a devida atenção à questão da riqueza e passa imediatamente para o fim da primeira sentença, a mercadoria. Ele sumariza sua perspectiva acerca do começo de *O Capital* dez páginas depois: “a história até aqui é, em termos simples, esta: Marx declara que seu objetivo é descobrir as regras de operação do modo capitalista de produção. Ele começa com o conceito de mercadoria [...]” (HARVEY, 2010, p.25).

A impressionantemente clara *Introduction to the Three volumes of Karl Marx's Capital* (2004/2012)<sup>25</sup> de Michael Heinrich cita a primeira sentença no começo do capítulo sobre “Valor, trabalho, dinheiro” (HEINRICH, 2004/2012, p.39) e passa, então, imediatamente à mercadoria, chamando atenção para o fato de que é apenas no capitalismo que a mercadoria é a forma típica de riqueza. Em outro livro (HEINRICH, 2008, p.50-54), o mesmo autor dedica uma seção inteira, de várias pági-

<sup>25</sup> O livro de Heinrich foi elogiado (em sua contracapa) pelo meu amigo Werner Bonefeld como “a melhor e mais abrangente introdução ao *Capital* de Marx que existe”. Eu não tenho razões para questionar essa descrição, em razão de *O Capital* ser extremamente claro, mas eu não compartilho a interpretação que Heinrich oferece.

nas, ao primeiro parágrafo de *O Capital*. Depois de destacar (como em boa parte o fizemos) que é fácil ignorar a primeira sentença como tendo pouco significado (HEINRICH, 2008, p.50), ele chama atenção para a importância da frase “aparece como”, distinguindo-a tanto de “ser” quanto de “parecer”. Heinrich (2008, p. 52) indica que há aqui uma crítica implícita ao livro *A Riqueza das nações* de Adam Smith e a falha desse em perceber que a riqueza assume formas diferentes em diferentes tipos de sociedade. Com isso, ele passa à discussão da mercadoria, efetivamente reduzindo a importância do primeiro parágrafo a uma introdução ao tema central: “basicamente o primeiro parágrafo diz apenas que Marx começa sua apresentação com a mercadoria e que ele pensa ter um bom motivo para o fazê-lo” (HEINRICH 2008, 53, tradução do autor). Não há nada aqui sobre a tensão entre riqueza e mercadoria que tem sido nosso principal tema, nem se levanta a questão do que permitiria Marx fazer tal afirmação. Heinrich decifra as implicações de seu entendimento acerca da mercadoria e da lei do valor: “com a teoria do valor, Marx busca revelar a estrutura social específica a qual os indivíduos devem se adequar, *independentemente do que eles pensem.*” (HEINRICH, 2004/2012, p.46, grifo do autor).

O importante *Reading Capital Politically* (1979), de Harry Cleaver, aproxima-se da interpretação aqui oferecida, uma vez que ele entende a lógica da forma mercadoria não como uma estrutura inescapável, mas como luta: “Há certamente regularidades, ou “leis”, da troca de mercadorias assim como há uma lógica da forma-mercadoria em-si, mas essa lógica e essas leis são apenas aquelas que o capital tem êxito em impor. O que Marx nos mostra em *O Capital* são as ‘regras do jogo’ estabelecidas pelo capital” (CLEAVER, 1979, p.66). Entretanto, a despeito do entendimento da forma-mercadoria como luta, Cleaver mantém a visão tradicional de que *O Capital* começa com a mercadoria. Ele cita a primeira e a segunda frase (CLEAVER, 1979, p.71) e continua: “ele [Marx] começa com a mercadoria porque é a forma elementar da riqueza na sociedade capitalista. Quando lemos o resto de *O Capital* descobrimos porque é que toda a riqueza assume a forma mercadoria na sociedade burguesa”.

Assim, embora Cleaver enfatize a importância de ver as categorias de valor, dinheiro, capital, etc. como categorias de luta, a luta contra essas formas permanece externa à análise de *O Capital*. A sugestão aqui, ao con-

trário, é que a luta anticapitalista já está anunciada nas palavras de abertura de *O Capital*: “a riqueza”. A luta não é produto da militância vinda de fora da dominação, mas está inscrita, ao contrário, na relação mesma de dominação e é inerente a nossa experiência cotidiana. As categorias mesmas contam sua história de revolta<sup>26</sup>.

Adicionar mais autores à discussão não nos ajudaria a avançar nosso argumento. Outros comentadores de *O Capital* não aceitam a perspectiva defendida aqui. Até onde sei, ninguém levanta a questão sobre o que permitiu Marx romper com as aparências daquilo que ele estava analisando, e ninguém apresenta a relação entre riqueza e mercadoria como aquela de uma luta ativa. A posição quase universal é a de que Marx inicia com a mercadoria<sup>27</sup> e a visão geral parece ser aquela avançada por Harvey, que afirma que “seu objetivo é revelar as regras de operação do modo capitalista de produção”. Uma vez que essas regras operam independentemente da volição humana, parece, por conseguinte, que essas são as regras às quais, como Heinrich coloca, os “indivíduos devem conformar, independentemente do que eles pensem”.

2. O objetivo não é encontrar a interpretação *correta* de Marx, ou descobrir o que ele *realmente* quis dizer. Se Marx estava ou não consciente de todas as implicações do que ele escreveu é de interesse secundário. Mais importante é que nós estamos falando sobre um texto que tem tido enorme influência na formação da luta anticapitalista. Como as formas de luta mudam, nós devemos questionar constantemente a continuidade de sua relevância, e responder a esta questão é inseparável da interpretação do texto. Não há possibilidade de uma leitura a-histórica ou apolítica de *O Capital*.

Há uma relação simbiótica entre a leitura tradicional de *O Capital* (que supõe que Marx começa com a mercadoria e que o livro se ocupa da explicação das “regras de operação” do sistema) e o conceito de transformação revolucionária que localiza a revolução no futuro e associa a revolução

<sup>26</sup> Para uma discussão mais completa, ver meu comentário sobre a rejeição de Cleaver de tomar o trabalho concreto como uma categoria de luta, em Holloway (2010, p. 189-190).

<sup>27</sup> A exceção notável, a única que encontrei, é um capítulo de Leon Rozitchner (2003, p. 88, 98) sobre cooperação e o corpo produtivo em Marx e Freud, no qual ele salienta que Marx começa *O Capital* não com a mercadoria, mas com a riqueza; e explicitamente liga o conceito de riqueza com a passagem dos *Grundrisse* aqui citada. Entretanto, ele não desenvolve a relação antagônica entre a riqueza e a mercadoria que tem sido aqui enfatizada. Meus mais sinceros agradecimentos a Bruno Bosteels por chamar minha atenção à obra de Rozitchner.

com a tomada do poder estatal e a substituição de um sistema por outro. Esta visão da revolução tem sido amplamente desacreditada pelas experiências do século XX e pelas urgências do presente. Há, por acaso, em algum país há um Partido que tenha a mais remota perspectiva de liderar uma “futura revolução”?

A questão central aqui é o encerramento. Se começamos da mercadoria nós já nos colocamos *dentro* do sistema que estamos criticando. O que segue pode, então, ser visto como uma poderosa análise da prisão na qual somos mantidos. Essa prisão é constituída por uma cadeia de formas sociais hermeticamente texturizada. Começando pela forma mercadoria (a mercadoria como uma forma de relação social), Marx leva-nos a formas cada vez mais desenvolvidas da totalidade das relações sociais, derivando uma da outra: a forma-valor da forma-mercadoria, a forma-dinheiro da forma-valor, a forma-capital da forma-dinheiro e assim por diante<sup>28</sup>. Marx esforça-se para enfatizar a interconexão entre as formas (especialmente em sua crítica a Proudhon), de maneira que faz pouco sentido sonhar com uma sociedade baseada na troca de mercadoria sem dinheiro, ou baseada em dinheiro, mas sem capital. As diferentes formas encaixam-se hermeticamente formando uma totalidade. Se pararmos aqui, teremos então uma análise que sugere que a única forma de romper com esta totalidade é fazê-lo como um todo, que tentar romper com aspectos particulares está fadado ao fracasso por conta do poder de integração do todo.

O entendimento de *O Capital* como uma análise rigorosa de um sistema fechado pode nos levar em duas direções. A primeira é a do partido que irá liderar a revolução futura: a única maneira de romper a totalidade como um todo é através da construção de um partido revolucionário unido e forte. A segunda, de forma alternativa, e penso que esta tem sido a tendência dominante nos últimos anos, a leitura de *O Capital* torna-se destacada de qualquer consideração sobre a revolução: uma vez que a revolução tem de ser total, mas não há perspectiva de nenhum partido que pode realizá-la, ler *O Capital* parece ser importante simplesmente para entender como o sistema funciona. A leitura rigorosa de *O Capital* pode facilmente ser combinada

<sup>28</sup> O desenvolvimento mais sofisticado desta abordagem é, provavelmente, a chamada “nova leitura” (neue Lektüre) de Marx, associada a autores como Reichelt, Backhaus, Postone e Heinrich. Para um relato e discussão da “nova leitura” ver Bonefeld (2014).

com um pessimismo apolítico muito distante da atual luta anticapitalista. Ler *O Capital* e a luta anti-apitalista simplesmente se afastam.

A objeção à visão tradicional de que Marx inicia pela mercadoria não é apenas política. É textual. Simplesmente não é verdade que Marx começa com a mercadoria: ele começa pela riqueza. Não é uma questão de forçá-lo a dizer o que gostaríamos que ele dissesse. Está lá em preto e branco. Marx começa pela riqueza.

Marx não começa nos colocando dentro do sistema que estamos criticando. Pelo contrário, ele começa pela riqueza [*wealth, richness*] que não se encaixa na forma mercadoria sem deixar um resíduo. Antes mesmo de nos levar ao entrelaçamento hermético das formas sociais capitalistas, ele nos introduz e se posiciona diante de uma categoria que não se ajusta. Isto não enfraquece a força da derivação das diferentes formas sociais, mas nos faz compreender essas formas como processos, como forma-processos, processos de formação<sup>29</sup>.

A totalidade capitalista é, então, um processo de totalização, uma luta constante para sujeitar a absoluta inquietude da vida<sup>30</sup> à lógica do capital, para vincular toda a atividade humana a uma estreita coesão social. O que parece ser a prisão densamente entrelaçada da lógica do capital é mais bem entendido como uma poderosa e coerente dinâmica de ataque, mas um ataque que carrega dentro de si sua própria crise, um ataque que nós podemos entender apenas porque ele não é totalmente efetivo.

Todas as formas sociais são processos de formação de um conteúdo recalcitrante e estes conteúdos simplesmente não se encaixam em suas respectivas formas: riqueza [*wealth*] não se encaixa na forma-mercadoria, valor de uso não se encaixa na forma-valor, trabalho concreto não se encaixa no trabalho abstrato, a capacidade de trabalho não se encaixa na mercadoria força de trabalho, as forças produtivas não se encaixam na forma-capital e assim por diante<sup>31</sup>. Essas formas são muitas camas de Procusto, mas camas de Procusto são inerentemente defeituosas, incapazes que são

<sup>29</sup> Sobre as formas como processos-forma, ver Sohn-Rethel (1978), Holloway (1979/1991, 2002, 2010).

<sup>30</sup> Sobre a “absoluta inquietude da vida”, ver Hegel (1807/1977, p. 27).

<sup>31</sup> E, pode-se acrescentar, “nossos sonhos não cabem em suas urnas eleitorais”.

de moldar totalmente seus conteúdos<sup>32</sup>. Em cada caso o conteúdo transborda sua forma, existe não apenas em seu interior, mas também contra e para além de sua forma.

*O Capital*, desde suas palavras iniciais, é uma história que arremessa as forças de desajuste contra as forças de uma coesão social opressora. Começa com a dignidade da rebelião, não com os horrores da dominação. Riqueza, criatividade humana, nosso movimento absoluto do devir: esse é o seu tema. Marx leva-nos a um mundo de desajuste, no qual nossa criatividade está cercada, mas nunca completamente cercada dentro das leis do desenvolvimento capitalista, em que as formas sociais que nos acorrentam carregam suas próprias crises dentro de si mesmas.

O livro abre uma exploração das possibilidades e dificuldades do pensar e fazer a revolução através das múltiplas revoltas do que não se ajusta às formas capitalistas, as múltiplas perfurações nessas formas. O partido acabou, a revolução futura está morta, quebrar o capital aqui e agora através de um milhão de rupturas é desesperadamente urgente e já está acontecendo. Por isso é tão importante ler *O Capital*. Começando por sua primeira sentença.

## REFERÊNCIAS

- ADORNO, T. W. (1966/1990) *Negative dialectics*. London: Routledge, 1990. (Original publicado em 1966)
- BONEFELD, W. *Critical theory and the critique of political economy*. London: Continuum, 2014.
- CLEAVER, H. *Reading capital politically*. London: Harvester Press, 1979.
- DE ANGELIS, M. *The beginning of history: value struggles and global capital*. London: Pluto, 2007.
- GUNN, R. (1992) Against historical materialism: marxism as a first-order discourse. in BONEFELD, W.; GUNN, R.; KOSMAS PSYCHOPEDIS (Ed.). *Open marxism: theory and practice*. London: Pluto, 1992. p. 1-45. V. 2

---

<sup>32</sup> Observo que Michael Perelmann (2011) usa a metáfora do leito de Procusto para descrever as instituições e práticas econômicas que obrigam as pessoas a aceitar a disciplina do mercado. Crucial, no entanto, é que Marx nos introduz a cama de Procusto (a forma da mercadoria), através de sua própria crise (a riqueza que não se encaixa).

- HARDT, M.; NEGRI, A. *Commonwealth*. Cambridge: Harvard University Press, 2009.
- HARVEY, D. *Companion to Marx's capital*. London: Verso, 2010.
- HEGEL, G. W. F. (1807/1977) *Phenomenology of spirit*. Tradução A.V. Miller. Findlay; Oxford: Oxford University Press.
- HEINRICH, M. *Introduction to the three volumes of Karl Marx's capital*. New York: Monthly Review Press, 2004/20012.
- HEINRICH, M. (2008) *Wie das Marxsche capital lessen?* Stuttgart: Schmetterling Verlag, 2008.
- HOLLOWAY, J. The state and everyday struggle. In: CLARKE, S. (Ed.). *The state debate*. London: Macmillan, 1991. p. 225-259.
- \_\_\_\_\_. *Change the world without taking power*. London: Pluto, 2010. (Original publicado em 2002).
- \_\_\_\_\_. *Crack capitalism*. London: Pluto, 2010.
- LUKÁCS, G. *History and class consciousness: studies in marxist dialectics*. Cambridge: MIT Press, 1988. (Original publicado em 1923).
- MARX, K. *Grundrisse*. London: Penguin, 1973. (Original publicado em 1875).
- \_\_\_\_\_. *Grundrisse*. Berlin: Dietz Verlag, 1953. (Original publicado em 1857).
- \_\_\_\_\_. *Grundrisse*. São Paulo: Boitempo, 2012
- \_\_\_\_\_. *A contribution to the critique of political economy*. London: Lawrence & Wishart, 1971. (Original publicado em 1859).
- \_\_\_\_\_. *Zur kritik der politischen ökonomie: Karl Marx/Friedrich Engels – Werke, Band 13, 7*. Berlin: Dietz Verlag, 1961. (Original publicado em 1859).
- \_\_\_\_\_. *Capital*. Tradução de Samuel Moore e Edward Aveling. Moscow: Progress Publishers, 1965. V. 1. (Original publicado em 1867).
- \_\_\_\_\_. *Das kapital*, Bd. 1. Berlin: Dietz Verlag, 1985. (Original publicado em 1867).
- \_\_\_\_\_. *Capital*. Tradução de Ben Fowkes. London: Penguin Books, 1990. V.1. (Original publicado em 1867).
- PERELMANN, M. *The invisible handcuffs of capitalism*. New York: Monthly Review Press, 2011.
- ROZITCHER, L. *Freud y los problemas del poder*. Buenos Aires: Losada, 2003.
- SOHN-RETHEL, A. *Intellectual and manual labour*. London: Macmillan, 1978.

TISCHLER, S. Detotalization and subject: on zapatismo and critical theory. *South Atlantic Quarterly*, v. 113, n. 2, p. 327-338, 2014.

VANEIGEM, R. *Lettre à mes enfants et aux enfants du Monde à Venir*. Paris: Cherche Midi, 2012.

WRIGHT, S. *Storming heaven: class composition and struggle in Italian autonomist marxism*. London: Pluto, 2002.